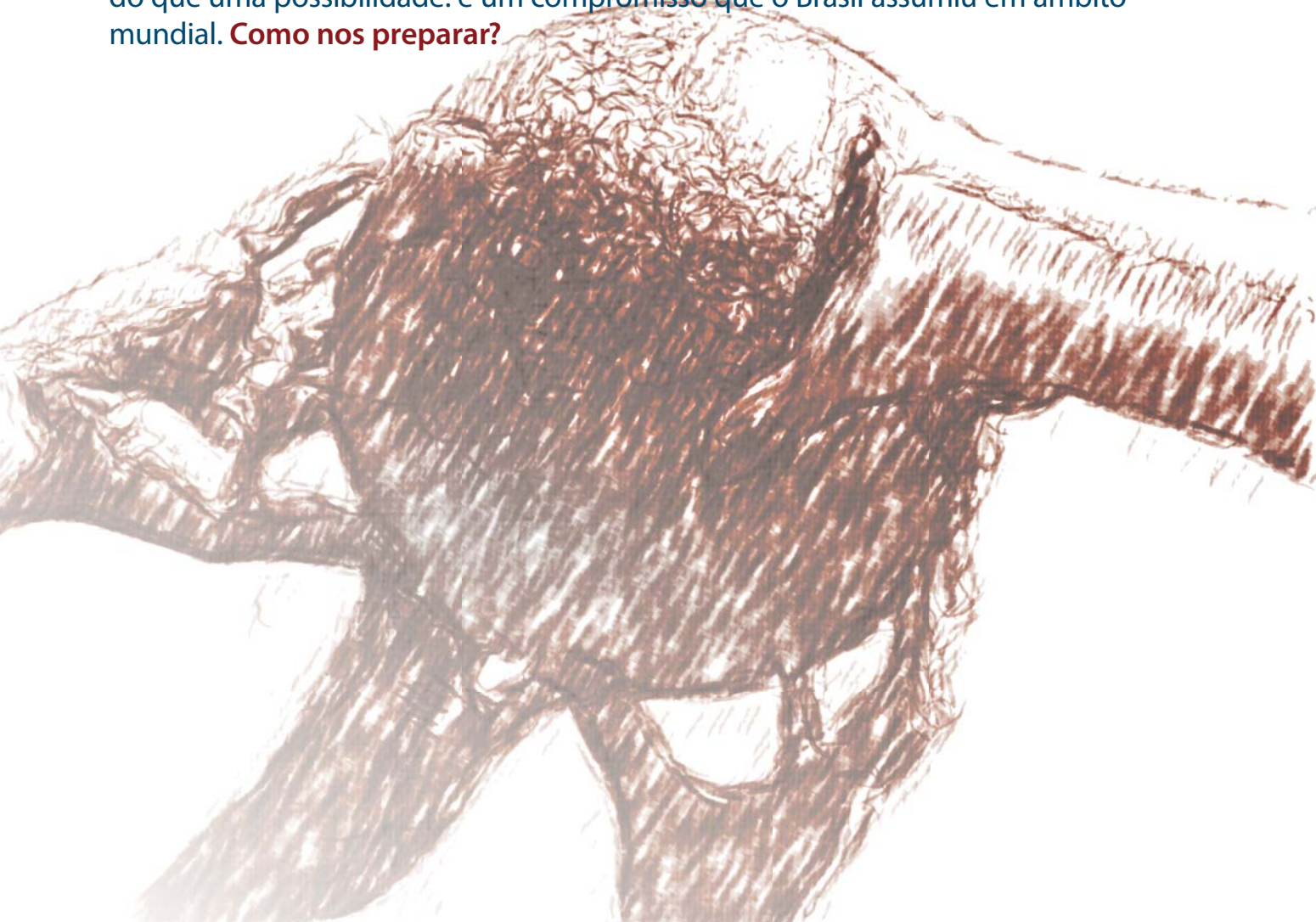


Excluindo a exclusão

Universalizar o acesso dos portadores de deficiência às escolas regulares é mais do que uma possibilidade: é um compromisso que o Brasil assumiu em âmbito mundial. **Como nos preparar?**



Tempos atrás, essa era uma cena comum: durante a aula de Educação Física, o aluno que tivesse alguma deficiência era dispensado de participar. Hoje em dia, isso não é mais aceitável. Como a educação é um direito de todos, os portadores de deficiência devem ser atendidos pelas escolas regulares e inseridos em seu cotidiano. É o que determina a Declaração de Salamanca da Unesco, da qual o Brasil é signatário. Será que as escolas brasileiras e os profissionais de Educação Física estão preparados para incluir esse público?

Quando se trata de estender a Educação Física Especial para todas as escolas do país, capacitar

quem já está formado não basta: é preciso, também, que a grade curricular dos cursos superiores de Educação Física contemple o tema, trabalhando diretamente na base de formação dos profissionais. Para a professora universitária Márcia Greguol (CREF 010187-G/SP), especialista em atividade física adaptada, o grande problema é que a maior parte das disciplinas da graduação não aborda o conteúdo relacionado às pessoas com deficiência.

“Em alguns cursos, este tema é tratado apenas em disciplinas eletivas, o que não é suficiente para

que o profissional se sinta seguro para trabalhar com esta população”, analisa Márcia, que propõe: “Acredito que os cursos de Educação Física não devam formar profissionais para trabalhar com alunos com ou sem deficiência, mas sim para trabalhar com a diversidade, já que a inclusão preconiza uma situação em que pessoas com diferentes condições e possibilidades vão conviver juntas no ambiente escolar”.

Celby Santos (CREF 000063-G/RJ), ex-professor do Instituto Nacional de Educação de Surdos e professor universitário das cadeiras de Educação Física Especial e Atletismo, compartilha a mesma visão. Segundo ele, o currículo das graduações em EF não deve ter apenas uma cadeira separada para Educação Física Especial, mas absorvê-la nas ementas de todas as disciplinas. “É uma revolução de currículo. Quando eu falo em Filosofia da Educação, Didática da Educação, quando eu falo sobre essas partes, preciso falar sobre isso [Educação Especial]. Se não, lá atrás, na própria formação, eu já estou discriminando”, avalia.

Transição das escolas especiais

A universalização do acesso de portadores de deficiência às escolas regulares pressupõe a extinção gradativa das escolas especiais, e foi por isso que houve um temor recente de que as aulas de ensino básico no Instituto Nacional de Educação de Surdos e no Instituto Benjamin Constant, que atende a alunos cegos, estariam encerradas ao final desse ano. Os alunos desses institutos seriam absorvidos pelas redes públicas convencionais. “Extinguir as escolas especiais, na atual situação do ensino brasileiro, seria uma solução simplista e arriscada, especialmente porque o ensino regular não se mostra devidamente preparado para receber a demanda dos alunos com deficiência”, pondera Márcia.


De acordo com o prof. Celby, as próprias escolas especiais podem auxiliar na transição para essa nova realidade, agindo na qualificação maciça dos profissionais de Educação Física. Profissionais que já trabalham com o atendimento especializado em estabelecimentos como o INES e o IBC poderiam vi-





rar disseminadores do seu conhecimento, instruindo outros profissionais para que atendam de forma adequada ao público portador de deficiência, já no espaço da escola regular.

“Eu sou ex-professor do INES e acho que é uma obrigação, de quem está na escola especializada,

formar cada vez mais profissionais, levar a formação aos mais longínquos rincões, porque o atendimento tem que ser feito o mais próximo possível da casa das pessoas. Não posso fazer alguém sair de Nova Iguaçu para estudar no INES. Acho que o INES é que tem que estar em Nova Iguaçu, como cultura, como conhecimento, como ciência”, exemplifica Celby. 

Depoimentos

“Estar nessa área foi uma missão pra mim. Eu saí da faculdade, fiz um concurso público e passei sem conhecer com profundidade essa clientela. Fiz de tudo, até hoje, para ser um pouco melhor. E acho que quando alguém te procura buscando começar, você tem que dar, acima de tudo, o estímulo: ficar embaixo como apoio, até que ele desenvolva a própria escora”.

Prof. Celby Santos, sobre estudantes de Educação Física que o procuram, interessados em saber mais a respeito da EF Especial.

“Quando eu estava elaborando meu projeto de doutorado, eu também coordenava um projeto numa ONG em São Paulo, Associação Desportiva para Deficientes, chamado ‘Natação para todos’. Sempre ouvia das mães uma preocupação constante sobre as dificuldades encontradas na inclusão real de seus filhos com deficiência na rede regular. Assim, veio a curiosidade de saber como estava ocorrendo este processo de inclusão nas escolas regulares”.

Prof. Márcia Greguol, sobre como a inclusão virou tema de sua tese de doutorado.